



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FASA
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO
DISCIPLINA: MONOGRAFIA E CONCLUSÃO DE CURSO
PROFESSOR ORIENTADOR: DEUSDEDITH ALVES ROCHA JUNIOR

MARIANA CLEMENTE JUNGSMANN

2031449/0

**CADERNOS DE CULTURA: UM ESTUDO
SOBRE A “ILUSTRADA” E O “CADERNO B”
(1966 – 2006)**

BRASÍLIA

2006

MARIANA CLEMENTE JUNGSMANN

**CADERNOS DE CULTURA: UM ESTUDO
SOBRE A “ILUSTRADA” E O “CADERNO B”
(1966 – 2006)**

Monografia apresentada ao curso de
Comunicação Social, como requisito
parcial para a obtenção ao grau de
Bacharel em Jornalismo do UniCEUB –
Centro Universitário de Brasília

Orientador: Prof. Deusdedith Alves Rocha
Junior

BRASÍLIA

2006

MARIANA CLEMENTE JUNGSMANN

CADERNOS DE CULTURA: UM ESTUDO SOBRE A
“ILUSTRADA” E O “CADERNO B” (1966 – 2006)

Monografia apresentada ao curso de
Comunicação Social, como requisito
parcial para a obtenção ao grau de
Bacharel em Jornalismo do UniCEUB –
Centro Universitário de Brasília

Orientador: Prof. Deusdedith Alves Rocha
Junior

Brasília, outubro de 2006

Banca Examinadora

Prof. Deusdedith Alves Rocha Junior
Orientador

Prof. Paulo Roberto Paniago
Examinador

Prof. Kelly Ramos de Souza
Examinadora

Ao Alexandre por mudar minha percepção do mundo e me apresentar um novo olhar, que agora influencia tudo o que vejo e o que faço.

AGRADECIMENTOS

*Ao meu orientador, Zezeu,
pela dedicação e empenho.
E acima de tudo, por
derrubar meus
preconceitos e limar meus
olhos para me ajudar a
enxergar com clareza meu
objetivo. Aos meus pais,
Lúcia e Vicente, pela
confiança sempre. E aos
amigos de faculdade, pelos
quatro anos de
aprendizado juntos, e
apoio.*

*“Nesse Grande, imenso Pet Shop, a
cultura é um sabão, artigo de
fim de estoque, aproveite a
ocasião”
(Zeca Baleiro)*

RESUMO

A partir de fontes da coleção de jornais históricos da Biblioteca Luiz Viana Filho, no Senado Federal, foi possível ter acesso aos cadernos de cultura da Folha de São Paulo, Ilustrada, e do Jornal do Brasil, Caderno B, datados de 1966, para fazer uma comparação com os mesmo cadernos em 2006. A partir daí, e com embasamento bibliográfico adequado para uma contextualização histórica, foram identificadas as principais alterações e permanências nos aspectos formais dos dois cadernos. Além disso, foi observado também o comportamento da grande imprensa brasileira diante da cultura e como ela é retratada nesses jornais.

Palavras Chave: Folha de São Paulo; Jornal do Brasil; Cadernos de Cultura; Jornalismo Cultural; Anos 1966 – 2006

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. CONTEXTUALIZAÇÃO E PROBLEMATIZAÇÃO	11
2.1 ATUALIDADE: COMO OS CADERNOS DE CULTURA SE APRESENTAM NO SÉCULO XXI	14
3.1 PADRÃO: CARACTERÍSTICAS COMUNS DE CADA PERÍODO	20
4. ANÁLISE	24
5. CONCLUSÃO	27
6. REFERÊNCIAS	29

1. INTRODUÇÃO

Os cadernos de cultura são um dos espelhos da vida social de uma população. Afinal, são nesses cadernos que se encontram a agenda de lazer de uma cidade, a coluna social, mostrando quem é a elite daquele lugar, as matérias e reportagens sobre a produção artística do país, as crônicas e críticas, que dizem um pouco sobre como a sociedade se comporta diante de algo novo. Nesse caso, os cadernos culturais mostram o comportamento de uma sociedade pela ótica de sua imprensa.

Analisar o que a grande imprensa brasileira considera cultural é de extrema importância para entender a relação que o público tem com a cultura. Isso porque, se por um ângulo a imprensa forma opinião, e pauta a agenda da população, de outro ela é também um reflexo das convicções e do modo como essa mesma população se enxerga.

Como essa imprensa, em especial o jornalismo cultural, vem se comportando ao longo do tempo, a maneira como se apresenta, os temas aos quais dá mais importância segundo seu contexto histórico e político, são fatores a serem analisados neste estudo. Além disso, procurar-se-á perceber mudanças e permanências dos modelos formais nos cadernos de cultura dos jornais *Folha de S. Paulo* e *Jornal do Brasil*. Nesse caso, o conteúdo textual será observado de forma secundária, procurando dar mais atenção à hierarquia dos temas, à ordem das notícias e à sua estruturação.

Para fins de comparação, será analisado a Ilustrada, da *Folha de S. Paulo*, e o Caderno B, do *Jornal do Brasil*. Os cadernos de 2006 serão comparados, um com o outro, e os dois com seus modelos do ano de 1966. O objetivo é indicar as principais características desses cadernos de cultura e possíveis alterações ao longo dos anos influenciadas pelas mudanças sociais ocorridas no Brasil nessas quatro décadas. Os dois jornais foram escolhidos por já estarem firmados e com público médio bem definido nos dois períodos. Além disso, Rio de Janeiro e São Paulo eram e ainda são o centro cultural do país, sendo, portanto, as cidades mais indicadas no caso de uma análise do comportamento do jornalismo cultural, especialmente na década de 1960.

Essa década foi selecionada por representar um período de mudanças políticas e sociais que marcaram muito a história brasileira. Além disso, a distância temporal para a comparação com os jornais da atualidade mostra-se ideal, uma vez que propicia tempo suficiente para que possíveis alterações no formato dos jornais tenham ocorrido. Ao mesmo tempo, não se afasta demais a ponto de o contexto histórico tornar absolutamente distintas as sociedades brasileiras dos dois períodos.

A análise de conteúdo e forma dos cadernos de cultura, a partir dos assuntos tratados nos mesmos, considerando a concepção de cultura empregada, embasada por pesquisa bibliográfica, é a metodologia escolhida para propiciar esta pesquisa. Nesse caso, elementos conceituais para definir a noção de cultura, o contexto histórico brasileiro na década de 1960 e a noção de “estrutura de sentimento”, usada por Marcelo Ridenti, formam a base teórica deste estudo.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO E PROBLEMATIZAÇÃO

Durante os conturbados anos da ditadura militar brasileira (1964 – 1985) o jornalismo cultural foi duplamente atingido. Primeiro porque a atividade de noticiar – própria do jornalismo – estava cerceada pela censura. Textos eram retalhados ou simplesmente impedidos de serem publicados, jornalistas eram perseguidos e as fontes tinham medo de falar. Mas, mesmo que pudessem trabalhar sem problemas, ou conseguissem burlar o sistema montado para a vigilância e a censura do governo brasileiro, os repórteres culturais não teriam facilidade em chegar ao seu objeto. Isso porque toda a produção cultural do país também estava amarrada pelas cordas da censura. Aos olhos do governo militar, artistas em geral, fossem eles da música, cinema, artes plásticas, teatro ou qualquer outro tipo de atividade artística, estavam fortemente sob suspeita. A vigilância sobre as atividades políticas se estendiam também à arte e à cultura, por serem elas eficientes fatores de propagação de ideologias e resistência. Marcos Napolitano, da Universidade do Paraná, fala sobre como os artistas da música se destacavam dentro dessa suspeição do regime militar por causa de sua amplitude junto à população em seu texto “A MPB sob suspeita: a censura musical vista pela ótica dos serviços de vigilância política (1968 – 1981)”.

Portanto, a esfera da cultura era vista com suspeição *a priori*, meio onde os “comunistas” e “subversivos” estariam particularmente infiltrados, procurando confundir o cidadão “inocente útil”. Dentro dessa esfera, o campo musical destacava-se como alvo da vigilância, sobretudo os artistas e eventos ligados à MPB (Música Popular Brasileira), sigla que desde meados dos anos 60 congregava a música de matriz nacional-popular (ampliada a partir de 1968, na direção de outras matrizes culturais, como o *pop*), declaradamente crítica ao regime militar. A capacidade de aglutinação de pessoas em torno dos eventos musicais era uma das preocupações constantes dos agentes da repressão. (NAPOLITANO, 2004, pg 03)

Preocupado em explicar adequadamente a complexidade e a diversidade do momento artístico vivido na sociedade brasileira dos anos de 1960, Marcelo Ridenti propõe que o florescimento cultural e político dessa época seja denominado “estrutura de sentimento da brasilidade romântico-revolucionária” (Ridenti, 2000), denotando assim, um comportamento sócio-cultural que caracterizava o pensamento de artistas e intelectuais ligados às esquerdas.

Valorizava-se acima de tudo a vontade de transformação, a ação para mudar a História e para construir o homem novo, como propunha Che Guevara, recuperando o jovem Marx. Mas o modelo para esse homem novo estava, paradoxalmente, no passado, na idealização de um autêntico homem do povo, com raízes rurais, do interior, do “coração do Brasil”, supostamente não contaminado pela modernidade urbana capitalista. (RIDENTI, 2005, pg 84)

Esse conceito será uma das bases de análise deste trabalho. E para aplicá-lo melhor, aos cadernos de cultura dos dois principais jornais do Rio de Janeiro e São Paulo, *Jornal do Brasil* e *Folha de S. Paulo*, estes deverão ser observados e comparados, levando-se em conta exemplares de 1966. Com essa estratégia, pretendemos estabelecer um traço comparativo entre os dois momentos, o presente e a década de 1960, atendo-nos mais aos aspectos formais que caracterizam os cadernos de cultura, que os elementos textuais neles presentes.

Não foi escolhido nenhum momento histórico marcado por um acontecimento político ou cultural específico para destacar os dois períodos. A opção, no caso deste estudo, foi por analisar a forma como os fatos eram abordados no cotidiano do caderno de cultura, e não as notícias em si. Por isso, os exemplos histórico-culturais citados são feitos para fins de contextualização, e não como análise da linha editorial dos jornais.

As duas cidades foram escolhidas por serem o centro da efervescência artística do país nesse período e também porque a imprensa tem seus produtos mais desenvolvidos ali. Em São Paulo, essa agitação cultural, durante os anos 1960, estava voltada especialmente para as artes cênicas, com o Teatro de Arena e, posteriormente, o Teatro Oficina. Claro que o Cinema Novo, a literatura, a música, a dança e todas as outras movimentações culturais da época também se faziam presentes naquela cidade, mas sem dúvida, a dramaturgia foi o que marcou São Paulo nos anos da ditadura.

Já no Rio de Janeiro, a música era o principal fator catalisador do sentimento romântico-revolucionário. Primeiro de forma distante, reconhecendo os problemas sociais e políticos do país, mas de maneira resignada. Artistas como Chico Buarque e Vinicius de Moraes traziam novamente o samba do morro para o asfalto e queriam mantê-lo longe da guerra política. Porém, com o endurecimento do regime em 1968, essa música passou a servir também à contestação e à resistência.

A partir daí Chico e Vinicius encontram coro em cantores e compositores como Edu Lobo, Carlos Lyra, Sidney Miler, Geraldo Vandré, entre outros.

Por outro lado, É preciso considerar que na década de 1960 o Brasil era um país cujo desenvolvimento urbano ainda não apagara as marcas do mundo rural. E que esses artistas que compartilhavam o sentimento romântico-revolucionário imaginavam a transformação através de um homem do povo, que tinha o estereótipo de camponês – sempre um homem humilde, com pouco ou nenhum acesso à educação escolar. Marcelo Ridenti exemplifica esse cenário lembrando o que acontecia no resto do mundo no mesmo período.

Sem dúvida, essa estrutura de sentimento era portadora de uma idealização do homem do povo, especialmente do campo, pelas classes médias urbanas. Mas ela se ancorava numa base real: a insurgência dos movimentos de trabalhadores rurais no período. (...) Ademais, vivia-se o impacto de revoluções camponesas no exterior, especialmente em Cuba e no Vietnã. Também é preciso lembrar que a sociedade brasileira ainda era predominantemente agrária pelo menos até 1960; estava em andamento um dos processos de urbanização mais rápidos da história mundial: de 1950 a 1970, a sociedade brasileira passou de majoritariamente rural para eminentemente urbana, com todos os problemas sociais e culturais de uma transformação tão acelerada. (RIDENTI, 2005, pg 87)

Além disso, o período que antecede o golpe de 1964 foi de extremo desenvolvimento político nas classes populares e nos trabalhadores. O professor Caio Navarro de Toledo, no texto “Brasil: do ensaio ao golpe”, lembra que o Comando Geral dos Trabalhadores, espelho do movimento sindical da época, chegou a ser chamado pela imprensa de “quarto poder”. As Ligas Camponesas lutavam contra a opressão latifundiária e a população pressionava cada vez mais pelas reformas políticas, econômicas e sociais necessárias ao desenvolvimento do país.

Não tendo acesso aos meios de comunicação de massa, a esquerda nacionalista e socialista, além de seus órgãos de imprensa (jornais, revistas...), buscava difundir as propostas reformistas do nacional-desenvolvimentismo – ou mesmo da revolução socialista – por meio de experiências como o teatro, a música e as artes plásticas (TOLEDO, 2004, Pg 08)

Sendo assim, é possível perceber que o sentimento da brasilidade romântico-revolucionária que atingiu artistas e intelectuais durante o regime militar foi semeado antes disso, ainda no governo João Goulart, quando o sentimento de brasilidade (ainda não romântico-revolucionária) passava por uma reavaliação com o crescimento da intelectualidade marxista no país. Em meio a isso, os cadernos de cultura refletiam, de um lado a expressão desse “sentimento” e de outro, as estratégias comerciais da grande imprensa.

Os cadernos de cultura, porém, retratam mais do que o engajamento social dos bossa-novistas ou dos atores do Teatro Oficina. Observando exemplares da *Folha de S. Paulo* e do *Jornal do Brasil* datados de agosto de 1966, é possível perceber as diferenças de comportamento entre as sociedades paulista e carioca. A presença maciça de artistas cariocas nas páginas do *Jornal do Brasil* mostra como o Rio estava voltado para sua própria agitação cultural. Além disso, é possível notar um misto de matérias sobre lançamentos cinematográficos e exposições no Museu de Arte Moderna, com dicas de comportamento e beleza bem ligados aos costumes da época. Já São Paulo apresenta um caderno cultural mais erudito. Mostras de cinema polonês e propagandas de filmes na televisão (neste caso, o primeiro longa-metragem que passou do cinema para a TV: *Labirintos da Justiça*) são exemplos do conteúdo do caderno de cultura da *Folha de S. Paulo*.

2.1 ATUALIDADE: COMO OS CADERNOS DE CULTURA SE APRESENTAM NO SÉCULO XXI

É notável que a cobertura cultural dos jornais do novo século – agora permeada por blogs e correspondentes de Nova York e Londres é bem diferente do modo como era produzida na década de 1960. Essa mudança no jornalismo reflete alterações no comportamento geral da sociedade. Tais alterações Marcelo Ridenti as identifica principalmente na “valorização exacerbada do ‘eu’”. O autor percebe que houve uma transição, a partir dos anos 80, do sentimento romântico-revolucionário para o que ele chama de “sentimento da individualidade pós-moderna”.

A antiga estrutura de sentimento da brasilidade revolucionária por certo tem herdeiros, mas há muito deixou de ser predominante, em vários casos transformou-se numa ideologia legitimadora da indústria cultural brasileira. Pode-se arriscar a hipótese – seria melhor dizer intuição, pois ela é difícil de comprovar, uma vez que ainda não há o devido distanciamento no tempo – de que o lugar principal é agora ocupado pela estrutura de sentimento da individualidade pós-moderna, esboçada naqueles mesmos anos de 1960, caracterizada pela valorização exacerbada do “eu”, pela crença no fim das visões de mundo totalizantes, dado o caráter completamente fragmentado e ilógico da realidade, pela sobreposição eclética de estilos e referências artísticas e culturais de todos os tempos, pela valorização dos meios de comunicação de massa e do mercado, pela inviabilidade de qualquer utopia. (RIDENTI, 2005, pg 26)

A “inviabilidade de qualquer utopia”, a que se refere Ridenti, se dá principalmente por causa da lógica mercadológica que o jornalismo – aí não só o cultural – tomou como norteadora. Esse aspecto é percebido também por Daniel Piza ao longo de sua experiência como repórter e editor de cultura dos maiores jornais do país em seu livro *Jornalismo Cultural*. “Na verdade, uma matéria jornalística – nesta era da multiplicação industrial – é, ela mesma, um produto cultural, para um consumo que às vezes se esgota em si mesmo”, explica. Piza atenta ainda para a superficialidade que os cadernos culturais adotaram na era do Big Brother e das celebridades efêmeras.

Os cadernos diários estão mais e mais superficiais. Tendem a sobrevalorizar as celebridades, que são entrevistadas de forma que até elas consideram banal (“Como começou sua carreira?” etc.); a restringir a opinião fundamentada (críticas são postas em miniboxes nos cantos da página); a destacar o colunismo (praticado cada vez menos por jornalistas de carreira); e a reservar o maior espaço para as “reportagens”, que na verdade são apresentações de eventos (em que se abrem aspas para o artista ao longo de todo o texto, sem muita diferença em relação ao *press-release*). Os assuntos preferidos, por extensão, são o cinema americano, a TV brasileira e a música pop, que dominam as tabelas de consumo cultural. (PIZA, 2004, pg 53)

Ao comparar os cadernos culturais anteriores, podia-se perceber que os artigos, colunas e outros espaços destinados à opinião eram ocupados por cineastas, escritores, artistas plásticos, sempre gente já firmada e reconhecida no meio artístico. Essas pessoas passaram, na atualidade, a ser fontes das matérias –

na maioria dos casos as únicas fontes – e o espaço de opinião ficou destinado a jornalistas.

Além disso, como alega Daniel Piza no trecho supracitado, o colunismo tem sido praticado cada vez menos por jornalistas de carreira, ficando essa função a cargo dos mais jovens, provavelmente na esperança de que eles apresentem as tendências e novidades. O problema é que o mesmo jornalista que escreve a coluna de opinião vai depois fazer a matéria sobre aquele assunto. É fácil concluir que essa mistura é como dinamite nos valores-base que servem de horizonte ao jornalismo (objetividade, distanciamento, neutralidade, etc).

Uma característica forte nesses cadernos atualmente é o espaço amplo para reportagens e matérias – que figuram inclusive na capa. Antes o tamanho dessas matérias era reduzido e elas apareciam em menor quantidade. Mesmo assim, essas alterações não provocam mudanças nos espaços destinados à superficialidades, tais como horóscopo, colunas sociais, notas sobre televisão, etc. Portanto, é possível dizer que a principal diferença ficou por conta da substituição dos espaços de opinião, nos cadernos da década de 1960, por reportagens jornalísticas, no século XXI. Não significando essa mudança, de nenhum modo, um aumento nos investimentos e reconhecimento do caderno de cultura dentro do jornal.

A falácia comum no meio jornalístico de que não vale a pena investir em cultura porque ela não desperta interesse, e logo o ideal seria se limitar a fazer uma agenda com os eventos de grande bilheteria, é derrubada por Daniel Piza quando o autor observa que boas peças de jornalismo cultural têm sucesso entre o público.

O *Globo Repórter*, por exemplo, fez numa ocasião um programa especial sobre Tom Jobim, quando o compositor ainda era vivo, teve ótima audiência e ainda conquistou prêmios internacionais; no entanto, jamais quis saber de repetir a experiência com outras grandes personalidades culturais brasileiras. Então o argumento da falta de interesse é, no mínimo, cômodo. (PIZA, 2004, pg 66)

Além de perceber que os falsos dilemas contribuem apenas para uma situação que chama de “nociva para o jornalismo cultural”, o autor realça alguns dos problemas que afetam diretamente a qualidade do caderno de cultura – que hoje é também chamado de “caderno de artes e espetáculos” – nome que, por si só, já

caracteriza bem a mudança de foco no trabalho do jornalista cultural. Seriam três os principais desses problemas.

O primeiro é o excessivo atrelamento à agenda – ao filme que estréia hoje, ao disco que será lançado no mês que vem etc. – e, com isso, um domínio muito grande dos nomes já bem-sucedidos, dos eventos de grande bilheteria previsível, das celebridades e grifes. O segundo mal é o tamanho e a qualidade dos textos, especialmente esses que anunciam um lançamento, que pouco se diferenciam dos *press-releases*, salvo pelo acréscimo de uma declaração ou outra e/ou de alguns adjetivos, e que vêm diminuindo com o passar do tempo, sendo restritos às informações mais ralas. E o terceiro é a marginalização da crítica, sempre secundária a esses “anúncios”, com poucas linhas e pouco destaque visual, mais e mais baseada no achismo, no palpite, no comentário mal fundamentado mesmo quando há espaço para fundamentá-lo; há uma nostalgia, endossada pelas reedições de livros e coletâneas, dos grandes críticos do passado, de sua credibilidade autoral. (PIZA, 2004, pg 63)

Diante da percepção desses males fica claro que se há permanências nos formatos dos cadernos de cultura, as temáticas e os estilos de abordagem seguiram tendências diferentes. Com a perda de espaço para críticas e opiniões, e a transferência desse espaço para matérias de cunho noticioso, o caderno se torna mais factual e menos analítico. Ganha em fluidez, e perde em profundidade.

O caminho percorrido pelo jornalismo cultural até esse ponto, passando por suas primeiras publicações, e seguindo pelas mais importantes, é assunto a ser discutido nesse estudo mais adiante.

3. CADERNOS DE CULTURA

Não existe uma data que marque o início do jornalismo cultural no mundo. Em seus estudos, Daniel Piza opta por usar como marco a criação da revista *The Spetactor* na Inglaterra, pelos ensaístas Richard Steele e Joseph Addison, em 1711. “Os dois decidiram lançar a Spetactor com a seguinte finalidade: ‘Tirar a filosofia dos gabinetes e bibliotecas, escolas e faculdades, e levar para clubes e assembléias, casa de chá e cafés’. E assim seria.” (PIZA, 2004, Pg. 11). Em sua provável origem podemos verificar que há um claro entendimento de que a cultura é representada pela filosofia, as artes, a literatura e tudo aquilo que é objeto da formação universitária.

Os dois jornalistas teriam conquistado tamanha influência e prestígio, além é claro de atingir seu objetivo e colocar as discussões culturais entre os assuntos sociais, que teriam conseguido provocar a mistura do jornalismo, aqui entendido como um modo da informação, e a arte, que agora se tornava objeto da informação e análise nesse instrumento privilegiado, o jornal. É principalmente com a concepção iluminista de arte e de cultura, com a influência que a literatura e a difusão de idéias através do já então ágil instrumento, o jornal, que a arte, a imprensa e o pensamento europeus, notadamente as concepções inglesas, trafegam o mundo, difundindo, acima de tudo, uma idéia de “civilização” que sintetizava e sobrepunha as concepções européias sobre o resto do mundo. Na literatura, por exemplo, surgem autores até hoje reconhecidos como Jonathan Swift, autor de *Viagens de Gulliver*, e Daniel Defoe, de *Robinson Crusóé*, que muito se valeram das estratégias culturais da imprensa.

Iniciava-se então, graças ao poder multiplicador da imprensa, uma era de outro do jornalismo europeu, tão influente na modernidade quanto as revoluções políticas, as descobertas científicas, a educação liberal ou o romance realista. Na Inglaterra, além de Addison e Steele, o ensaio reproduzido instantaneamente teve nomes influentes como o citado Samuel Jonhson (1709-1748), o dr. Johnson, que escrevia em *The Rambler*, e William Hazlitt (1778-1830), em *The Examiner*, para não falar de Charles Lamb, na *London Magazine*, e muitos mais. (PIZA, 2004, pg 13)

O Brasil, recém independente e carente de uma revisão da sua identidade, teve em Machado de Assis o mais ilustre dos jornalistas culturais. Tendo

começado sua carreira como crítico de teatro e literatura, o escritor produzia ensaios semanais e resenhava obras de grandes autores como o português Eça de Queiroz. Outros nomes também são citados por Piza, como críticos de arte e jornalistas contemporâneos a Machado, dentre eles, José Veríssimo, Silvio Romero e Araripe Júnior.

Mas nesse período, a segunda metade do século XIX, o jornalismo cultural começava a passar por mudanças profundas em sua estrutura. A imprensa ganhava força social e os críticos de cultura nos jornais vinham unir outros ingredientes aos ensaios periódicos, tais como polêmicas políticas, discussões de comportamento e produziavam algumas mudanças na análise das obras. Na Inglaterra, por exemplo, o nome que provocava fissura tão profunda na linha ensaísta de Steele e Addison era o do irlandês George Bernard Shaw.

As críticas de arte saíram de seu circuito de marfim: Shaw as lançou no meio da arena social, exigindo que se comprometessem com as questões humanas vivas, mostrando, por exemplo, que uma ópera de Mozart era composta de muito mais elementos que as belas melodias e o figurino pomposo. O crítico cultural agora tinha de lidar com idéias e realidades, não apenas com formas e fantasias. (PIZA, 2004, pg 17)

Temos então para a crítica de arte que preenche os comentários culturais dos jornais um claro envolvimento com as questões nacionalistas, identitárias e políticas, que ainda não de se tornar mais intensas anos vindouros.

No início do século XX, imprensa e movimento modernista andavam juntos, um influenciando o outro em todo o mundo. Nesse ponto, o cenário foi fértil para o aparecimento de diversas revistas culturais. A principal delas até hoje é, sem dúvida, a americana *New Yorker*. A revista não se destaca apenas por ter revelado críticos de arte, que expressavam bem as mudanças no jornalismo cultural, e cartunistas, que caracterizavam o humor sutil da publicação. A *New Yorker* foi celeiro do principal movimento que uniu imprensa e arte: o chamado Jornalismo Literário.

Foi ali que John Hersey escreveu em 1946 o que foi eleito como “a reportagem do século”: *Hiroshima*. Foi ali que Lillian Ross, num perfil de Ernest Hemingway em 1950, fundou esse gênero do jornalismo moderno e abriu caminho para as invenções do “*New Journalism*”. Foi ali que Truman Capote praticamente lançou a não-ficção moderna em 1959 com *A sangue frio*, relato dos pensamentos de

dois condenados à pena de morte. Foi ali que Kenneth Tynan, crítico de teatro inglês que brilhara nos anos 30 e 40 na *Spectator*, escreveu memoravelmente sobre atores e diretores como Laurence Olivier, Orson Welles e Greta Garbo (“O que vemos bêbados nas outras mulheres, vemos em Garbo sóbrios”). Foi ali que Joseph Mitchell, John McPhee, Calvin Trillin e Adam Gopnik, entre tantos outros ao longo de quase oito décadas, mativeram viva a reportagem interpretativa, com teor subjetivo, pique narrativo e recurso da ficção como a atenção a detalhes e vozes. (PIZA, 2004, pg 24)

Mais uma vez, tanto por seus aspectos estéticos quanto pelo novo conteúdo que propunha, a revista, e, mais ainda, o jornal, traziam para a literatura novas possibilidades. Foi assim que o modernismo lançou mão de uma nova estética para a poesia, experimentando construções estéticas inovadoras, e que a crônica encontrou no jornal um novo espaço, perfeito para o seu novo formato fácil e ágil.

3.1 PADRÃO: CARACTERÍSTICAS COMUNS DE CADA PERÍODO

Apesar de a literatura ter permanecido presente no jornalismo cultural brasileiro, inicialmente com Machado de Assis e com os outros autores supracitados, seguidos mais tarde por escritores como Mário de Andrade, Lima Barreto, e depois por autores que apareciam na revista *O Cruzeiro*, por exemplo, como Manuel Bandeira (articulista), o Jornalismo Literário, propriamente dito, apareceu muito tarde e ainda hoje permanece escasso, pelo menos em relação às outras temáticas que preenchem os cadernos de cultura. Foi a crônica jornalística que se aproximou muito mais do gosto dos leitores e jornalistas brasileiros, vindo a ser, portanto, “uma modalidade inegável do jornalismo cultural brasileiro”, nas palavras de Piza (2004, pg. 33).

Mas talvez pelas próprias mudanças sociais, que sempre influem na arte, outras formas de literatura, que não a crônica, tenham perdido espaço no jornalismo cultural brasileiro. Esta modalidade mesmo, mostra-se uma das mais objetivas dentro do universo literário, se encaixando muito melhor no formato que os jornais foram ganhando na segunda metade do século (mais diretos, objetivos e com textos mais enxutos). Com o passar do século XX, o romantismo foi afastando-se cada vez

mais do cotidiano dos leitores, e os romances em capítulos ou textos literários que ocupassem grandes espaços foram escasseando até desaparecerem por completo das páginas dos jornais. Ainda era comum, especialmente no Caderno B, do *Jornal do Brasil*, encontrar poesias em algum ponto do caderno. Mesmo assim, de forma muito mais contida do que em outras épocas, e sem espaço fixo destinado a isso.

No *Jornal do Brasil*, que abordaremos com mais detalhes, mesmo com a modernização, que já havia começado em 1956, o “Caderno B”, o seu caderno de cultura, trazia sempre críticas de escritores e produtores da arte no Brasil daquele período. É o caso de Fernando Sabino e suas crônicas, e de Barbara Heliodoro, que escrevia sobre teatro. Mas as crônicas não eram as únicas características do padrão que o jornalismo cultural brasileiro seguiu durante a década de 1960. Em observação a jornais do período, é possível perceber que o conceito de cultura e dos assuntos que se encaixariam num caderno desse tema poderiam parecer bem mais amplos.

Na Folha Ilustrada, o caderno de cultura da *Folha de S. Paulo*, que também analisaremos em seguida, um pequeno quadro no alto da primeira página servia de índice e indicava sutilmente que ali começava o caderno de cultura da *Folha de S. Paulo*. Nada de destaques ou logomarca do caderno como acontece hoje. Além disso, a primeira página seguia um modelo que incluía três fotos de tamanho médio contendo notícias de assuntos variados. A estrutura do caderno era organizada, na seqüência, pelos seguintes assuntos: “Reportagem”, “Efemérides”, “Panorama”, “Horóscopo”, “Saúde” e “Teste” (todos estes, em geral, na página 2); “Ciência” (na página 3); “Teatro”, “TV-Rádio-Show” e “Discos” (na página 4). É preciso chamar atenção para o espaço dedicado à “Reportagem”. Não se trata, na realidade, de uma reportagem jornalística, como se pode pensar a princípio, ao ler a indicação no alto da primeira página do caderno. “Reportagem” nesse caso é o nome da coluna social de Tavares de Miranda, que ocupava grande parte da segunda página do caderno.¹

Ao final da Folha Ilustrada, encontram-se ainda dois sub-cadernos: o Caderno Feminino e o Caderno Infantil. Pode-se deduzir, de um lado, que a compreensão de “cultura” atribuída à esse espaço é extremamente generalizada. E

¹ Os cadernos de cultura citados podem ser verificados em anexo

de outro lado, que o jornal se define em seus termos e abordagens, exclusivamente masculino, reservando espaços específicos para a mulher e a criança.

O modelo seguido pelo Caderno B, do *Jornal do Brasil*, não diferia muito da Folha Ilustrada, o que pode demonstrar que se trata de um padrão seguido pela maioria dos jornais da época – a verificação empírica dos padrões estéticos dos jornais tanto vale para o passado quanto para o presente, não apresentando grandes variações². A principal diferença estética entre os dois cadernos de cultura é que o Caderno B tinha uma capa que indicava claramente o começo do caderno. Ao contrário da *Folha de S. Paulo*, no *Jornal do Brasil* a capa do caderno de cultura não tinha textos, mas apenas fotos e indicações dos assuntos que seguiriam no interior da publicação, e por vezes, pequenas poesias. Lá dentro os temas eram divididos em “Literatura”, “Música”, “Religião”, “Teatro” e “Artes” (na página 2); “Crônica”, de José Carlos Oliveira, e uma coluna social, de Léa Maria (na página 3); “Crônica”, de Fernando Sabino (na página 4); e outras páginas com “Passarela”, onde aparecem reportagens, notícias e dicas de moda e estética feminina. Segue o caderno, nas páginas seguintes, com “Atualidades”, “Classificados culturais”, “Panorama” (com notícias sobre teatro), encerrando-se com fotos de tamanho grande, sobre assuntos variados.

Ao analisar a amplitude dos temas escolhidos para constar no caderno de cultura dos jornais, podemos inferir que a grande imprensa parece tender para uma concepção de cultura que se define, de um lado para generalidades e efemérides, e de outro lado para artes, mais precisamente, notícias sobre eventos relacionados com teatro, cinema, televisão, e alguma coisa sobre literatura. Além disso, é importante registrar que os cadernos de cultura, em geral, estavam localizados entre os últimos cadernos dos jornais, tanto podendo isso significar que são os seus assuntos menos importantes, ou que, nomeados em uma chancela própria, seu destaque se desprende do corpo maior do jornal.

Dentro deles, é fácil perceber que a concepção de cultura, apesar de incluir uma infinidade de assuntos, se restringe ao artístico e ao literário, não considerando outros elementos também culturais. Os cadernos foram estruturados, em sua forma, buscando a divulgação do entretenimento aliada a crônicas e críticas mais elaboradas. Nos cadernos de cultura de 2006 essas crônicas e críticas não

² Neste caso valemo-nos das coleções disponíveis na Biblioteca do Senado Federal. Consultamos as fontes disponíveis nos meses de setembro e outubro de 2006.

desaparecem por completo, mas perdem espaço. A agenda de diversões permanece a mesma e as matérias jornalísticas, entrevistas e reportagens aparecem como o principal produto do caderno de cultura.

É importante marcar que a “Folha” Ilustrada, de 1966, torna-se apenas “Ilustrada” posteriormente. O sumário, que divide os assuntos do caderno, desaparece do alto da primeira página e ela ganha destaque com logomarca e cabeçalho próprio. Lá dentro, diversos assuntos antes considerados “culturais” como saúde e ciência não são mais encontrados – esses temas acabaram ganhando cadernos próprios, virando suplementos semanais.

Já no *Jornal do Brasil* a mais notável das mudanças ocorre no tamanho do jornal. O JB standart da década de 1960 vira tablóide no século XXI, mudando completamente sua estética. Na capa do Caderno B ainda é possível encontrar uma grande foto, mas agora com destaque para uma matéria que será retomada no seu interior. E os temas Saúde, Vida e Ciência foram reunidos em uma única coluna, no final do caderno. A presença desses assuntos, posta desta maneira, apesar de parecer indicar uma ampliação na concepção de cultura, mostra que eles não se enquadram no contexto geral do caderno, e por isso são separados em um único espaço.

4. ANÁLISE

Para analisar um caderno denominado cultural é preciso, antes, identificar o conceito de cultura nesse contexto. Afinal, se levarmos em consideração que a noção de cultura trata de qualquer ato não-biológico que organize a vida humana, tais como símbolos, linguagem e representações, então o universo de que estamos falando torna-se muito amplo, ficando impossível de ser completamente abordado num caderno diário. Essa noção de cultura é que o historiador Deusdedith Alves Rocha Júnior tenta definir em seu texto não-publicado “História Cultural: Incurções Teóricas e Metodológicas para a Pesquisa”.

Quanto à sua natureza, o termo cultura tem sido empregado para indicar o desenvolvimento do indivíduo e do grupo por meio de aprendizados transmitidos nas relações sociais, que estabelecem verdadeiros “mecanismos de controle – planos, receitas, regras, instituições – para governar o comportamento. Como conjunto dos sistemas simbólicos ou como soma de todas as criações humanas (e neste caso pode ser como cultura material ou imaterial), o termo cultura tem sido empregado largamente nas ciências sociais. (ROCHA JÚNIOR, s/d, pg 07)

Não só nesses cadernos, mas de uma forma geral na sociedade ocidental moderna, a noção de cultura, por muito tempo, sustentou a idéia de que as manifestações literárias, artísticas e intelectuais mais elaboradas lhe dava sentido, estabelecendo uma oposição às manifestações populares cotidianas ritualizadas, a quem tomavam como produto de “folclore” (com um certo sentido pejorativo). Somente com a desconstrução dessa oposição foi que se passou a englobar novos elementos promovendo um processo de ressignificação da noção de cultura. Mas, de um modo geral, podemos afirmar que os cadernos de cultura, mesmo quando tratam de temas que extrapolam a arte e a literatura, não escapam do vício etnocêntrico de considerar a cultura como o mais elevado exemplo da arte e literatura ocidentais.

Sendo assim, a tendência a esse conceito etnocêntrico de cultura, associada à diversão e entretenimento, é a principal característica que foi mantida durante 40 anos nos cadernos de cultura da *Folha de S. Paulo* e do *Jornal do Brasil*. Além disso, a escolha dos temas preferencialmente abordados demonstra a

permanência de certos valores morais nos discursos sobre os objetos de cultura ideais e comportamentos sociais desejáveis, apesar dos momentos históricos distintos.

A permanência de Colunas Sociais com amplo espaço dentro dos jornais, como é o caso da coluna de Hildegard Angel no *Jornal do Brasil*, e Mônica Bergamo na *Folha de S. Paulo* indicam a continuidade dos valores sociais e comportamentais que já eram perceptíveis nos cadernos de cultura em 1966. Tais valores, coincidentemente se sustentam em uma mesma estrutura formal do jornal: colunas que ocupam meia página vertical (ou em alguns casos, dois terços da página), logo no início do caderno de cultura.

Também a agenda de cinema, da qual os filmes de Hollywood (e mostras hollywoodianas do cinema europeu) ocupam quase a totalidade do espaço, permanece pouco alterada, demonstrando a insistência nessa referência etnocêntrica de cinema, mesmo num mundo que se pretende globalizado.

A agenda de opções de entretenimento, aliás, é o melhor exemplo de como os cadernos de cultura indicam um comportamento socialmente desejável dentro desses valores e dessa visão de cultura. Dentro dela há pouco ou nenhum espaço para manifestações consideradas inferiores culturalmente, a não ser aquelas já tenham passado por adequações impostas pela Indústria Cultural. É o caso das apresentações de *rap* e/ou *hip hop*. Os cantores de *hip hop* norte-americanos, glamourizados ao lado de belas mulheres com jóias e carros esportivos, têm espaço garantido, bem como os brasileiros que seguirem esse exemplo. Mas os cantores de *Rap* da periferia das grandes cidades, que ainda mostram letras inadequadas para esses padrões identificados nos cadernos de cultura, sofrem com a dificuldade de divulgação de apresentações ou com a forma incorreta com que elas são interpretadas e retratadas nesses cadernos.

O padrão seguido pelos jornais brasileiros para o caderno de cultural na década de 1960, e observado em especial na *Ilustrada*, da *Folha de S. Paulo*, e no Caderno B, do *Jornal do Brasil*, neste estudo, a princípio parece ter pouca ligação com o contexto sócio-político daquele período. No momento em que pululava a rebeldia e a resistência ao regime ditatorial, e as mulheres forçavam uma emancipação – através principalmente da pílula anticoncepcional – que não combinava com o comportamento feminino até então, cadernos de cultura que traziam colunas sociais, dicas de moda e beleza, efemérides e outras

superficialidades parecem não se adequar. Assim como parece não fazer sentido manter essa visão etnocêntrica de cultura no século XXI, quando o mundo passa por um processo de globalização que promete aproximar as diferentes sociedades.

Mas o sentido está justamente nos valores apresentados pelos jornais em seus cadernos culturais. Apesar da rapidez com que busca a notícia e o factual, quando se trata de mudança nos valores sociais, a tendência nos jornais é manterem-se conservadores. Até porque, na década de 1960 e ainda hoje, o público que lia jornal no Brasil era formado pela classe média e alta, que tendia a esse conservadorismo. Portanto, rebeldia política e emancipação feminina são assuntos que eram, e ainda são, tratados de acordo com certa conveniência por esses cadernos. Assim como o conceito de globalização é relativizado de modo a incorporar novas culturas, mas mantendo sempre a hegemonia cultural dos grupos economicamente e socialmente dominantes.

5. CONCLUSÃO

Ao olhar criticamente para um jornal é necessário entender que ele não é feito só pelo seu conteúdo textual. O discurso desta forma impressa de mídia está também nos seus aspectos formais, na sua aparência. Nesse caso, torna-se importante enxergar fatores como ordem e hierarquia das notícias, espaço ocupado por diferentes assuntos, tipo de texto com que são tratados esses assuntos (crônica, crítica, reportagem, nota, etc.), espaço das fotos, entre outras observações estéticas para absorver melhor a mensagem diária que aquele caderno de cultura tenta passar.

Esse espaço, aliás, apesar de ter uma história específica, que ocupa boa parte da história da imprensa moderna, e de ser freqüentemente identificado pelos leitores dos jornais como a primeira ou segunda seção a ser lida depois da primeira página, foi invariavelmente mantido como uma parte “menor” da publicação. A esses cadernos também foi, durante muito tempo, reservada a condição de abrigar tudo aquilo que não se enquadrava nas outras seções do jornal – atitude propiciada pela flexibilidade do termo cultura.

O aumento no número de matérias jornalísticas e reportagens, no entanto, pode significar que ao longo de quarenta anos, os cadernos de cultura tenham se definido mais como um espaço de jornalismo, embora aliado a entretenimento. O jornalismo cultural hoje, está mais ligado ao factual. O que, se por um lado o deixa mais próximo dessa caracterização de jornalismo, livrando-o de certos preconceitos, por outro significa a perda de espaço para críticas, crônicas, resenhas e discussões que não estejam ligadas aos fatos do dia-a-dia.

A noção de cultura que prevalece nos cadernos permanece pouco alterada, mantendo predominantemente um aspecto etnocêntrico. Sob essa ótica, a cultura “erudita” é mais valorizada que a “cultura popular”, e esta última é diferenciada da “cultura pop” – a qual ocupa, na realidade, a maior parte do espaço atualmente. Essa distinção entre “culturas”, bem como o distanciamento cada vez maior da cultura popular, estimulam no leitor o vício de achar que aquilo que o cerca, que faz parte de sua formação e de seu cotidiano, não é cultura.

Esta análise aponta para a possibilidade de se pensar o caderno de cultura sob outros aspectos, que favoreçam a sua perspectiva plural. É possível

considerar raízes e as diversas influências (inclusive a européia, mas não só ela) que formam a cultura brasileira, na hora de escrever. Evitar os etnocentrismos que fazem o jornalismo cultural no Brasil ficar atento apenas, ou na maior parte do tempo, ao eixo americano-europeu, é fundamental para ampliar o horizonte dos cadernos de cultura. Para isso, o caminho é se afastar dos preconceitos e dos falsos dilemas que afetam o jornalismo cultural, e procurar, jornalistas e editores de cultura, ficarem mais atentos ao que os leitores querem saber quando abrem os cadernos de cultura.

6. REFERÊNCIAS

Caderno B. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, jan. 1966.

Caderno B. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, out. 2006.

Folha Ilustrada. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, jan. 1966.

Ilustrada. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, out. 2006.

NAPOLITANO, Marcos. A MPB sob suspeita: a censura musical vista pela ótica dos serviços de vigilância política (1968-1981). **Rev. Bras. Hist.**, São Paulo, v. 24, n. 47, 2004. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882004000100005&lng=en&nrm=iso>. Access on: 31 Oct 2006. doi: 10.1590/S0102-01882004000100005.

PIZA, Daniel. *Jornalismo Cultural*. São Paulo. Contexto. 2004. 143 páginas

RIDENTI, Marcelo. Artistas e intelectuais no Brasil pós-1960. **Tempo Soc.**, São Paulo, v. 17, n. 1, 2005. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702005000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 31 Out 2006. doi: 10.1590/S0103-20702005000100004.

ROCHA JUNIOR, Deusdedith Alves. *História Cultural: Teoria e Metodologia*. s/d. (Não publicado).

TOLEDO, Caio Navarro de. 1964: o golpe contra as reformas e a democracia. **Rev. Bras. Hist.**, São Paulo, v. 24, n. 47, 2004. Available from:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882004000100002&lng=en&nrm=iso>. Access on: 31 Oct 2006. doi: 10.1590/S0102-01882004000100002.

ANEXOS

Tavares de Miranda Reportagem



Parque a s. e. a sra. Eduardo Chaves (ela nasceu) Nereida Nader Sampaio Durán) em homenagem às bodas de prata de casamento. Na foto, Carlos Eduardo, Pedro Sérgio e a filha, e a sra. Eduardo Chaves, em uma das festas comemorativas para missa que foi realizada na Capela de "Nobres Sapientia". Depois a alta renda presente a reunião, que foi abençoada por um arcebispo de nomeação recente. Na sala a grande atração foi a sra. Cristina Maria, que depois de 21 anos de clausura do Colégio das Obeiras, por uma noite, para abraçar sua irmã, pois irmã, Cristina e nascida Góes Sampaio Durán. São nomes raras para uma mãe de família. Guimaraes Sampaio Durán, sua tia, Jurubia Sampaio, que veio do Rio, especialmente, e a deputada Nereida Chaves, que recebeu cumprimentos pelo seu livro "Nobres Sapientia", publicado recentemente. Houve cordão de caridade que se parou quando Antonio Marinho e sua irmã, Hilda Goulart, deram um "antigo" abraço a "Zozina". Os Marinhos a se despediram foram o sr. e a sra. Leonardo Pereira (ela nascida Maria Alice Alves de Lima Durán). Nessa mesma noite, Ricardo, a esposa dos Chaves, fez a primeira comunicação. Depois dos discursos e da música houve o baile de 21. Tudo sobre caridade até a madrugada plena.

Parque a s. e. a sra. Eduardo Chaves (ela nasceu) Nereida Nader Sampaio Durán) em homenagem às bodas de prata de casamento. Na foto, Carlos Eduardo, Pedro Sérgio e a filha, e a sra. Eduardo Chaves, em uma das festas comemorativas para missa que foi realizada na Capela de "Nobres Sapientia". Depois a alta renda presente a reunião, que foi abençoada por um arcebispo de nomeação recente. Na sala a grande atração foi a sra. Cristina Maria, que depois de 21 anos de clausura do Colégio das Obeiras, por uma noite, para abraçar sua irmã, pois irmã, Cristina e nascida Góes Sampaio Durán. São nomes raras para uma mãe de família. Guimaraes Sampaio Durán, sua tia, Jurubia Sampaio, que veio do Rio, especialmente, e a deputada Nereida Chaves, que recebeu cumprimentos pelo seu livro "Nobres Sapientia", publicado recentemente. Houve cordão de caridade que se parou quando Antonio Marinho e sua irmã, Hilda Goulart, deram um "antigo" abraço a "Zozina". Os Marinhos a se despediram foram o sr. e a sra. Leonardo Pereira (ela nascida Maria Alice Alves de Lima Durán). Nessa mesma noite, Ricardo, a esposa dos Chaves, fez a primeira comunicação. Depois dos discursos e da música houve o baile de 21. Tudo sobre caridade até a madrugada plena.

● **HENRY FORD II** - o novo chefe das operações em São Paulo do fim de mês.

● **O ENCONTRO** - de São Paulo. O encontro de São Paulo, o primeiro do ano, foi realizado em São Paulo, no dia 21 de janeiro, com a presença de representantes de várias instituições e empresas. O encontro foi presidido por Carlos Eduardo Chaves, que fez um discurso sobre a situação econômica do Brasil e a importância do comércio exterior.

● **INVESTIMENTOS** - estrangeiros de importância para o desenvolvimento econômico do Brasil. O governo brasileiro está buscando atrair investimentos estrangeiros para modernizar a indústria e melhorar a infraestrutura do país.

● **O MELHIO** - Grupo da Paz, do Rio de Janeiro, que se dedica a promover a paz e a reconciliação entre os povos. O grupo realiza várias atividades de conscientização e educação para a paz.

● **A SORTE** - para o aniversário de São Paulo. O aniversário de São Paulo é comemorado em 25 de janeiro. A cidade realiza várias festas e eventos para celebrar o aniversário.

● **OS TRABALHADORES** - da indústria e do comércio. Os trabalhadores estão preocupados com a situação econômica do Brasil e estão buscando melhorias em suas condições de trabalho.

● **OS TRABALHADORES** - da indústria e do comércio. Os trabalhadores estão preocupados com a situação econômica do Brasil e estão buscando melhorias em suas condições de trabalho.

● **OS TRABALHADORES** - da indústria e do comércio. Os trabalhadores estão preocupados com a situação econômica do Brasil e estão buscando melhorias em suas condições de trabalho.

● **OS TRABALHADORES** - da indústria e do comércio. Os trabalhadores estão preocupados com a situação econômica do Brasil e estão buscando melhorias em suas condições de trabalho.

● **OS TRABALHADORES** - da indústria e do comércio. Os trabalhadores estão preocupados com a situação econômica do Brasil e estão buscando melhorias em suas condições de trabalho.

● **OS TRABALHADORES** - da indústria e do comércio. Os trabalhadores estão preocupados com a situação econômica do Brasil e estão buscando melhorias em suas condições de trabalho.

● **OS TRABALHADORES** - da indústria e do comércio. Os trabalhadores estão preocupados com a situação econômica do Brasil e estão buscando melhorias em suas condições de trabalho.

● **OS TRABALHADORES** - da indústria e do comércio. Os trabalhadores estão preocupados com a situação econômica do Brasil e estão buscando melhorias em suas condições de trabalho.

● **OS TRABALHADORES** - da indústria e do comércio. Os trabalhadores estão preocupados com a situação econômica do Brasil e estão buscando melhorias em suas condições de trabalho.

● **OS TRABALHADORES** - da indústria e do comércio. Os trabalhadores estão preocupados com a situação econômica do Brasil e estão buscando melhorias em suas condições de trabalho.

● **OS TRABALHADORES** - da indústria e do comércio. Os trabalhadores estão preocupados com a situação econômica do Brasil e estão buscando melhorias em suas condições de trabalho.

● **ELZA SHIDLER** - Associação de Fomento Industrial Brasileira - realizou o lançamento de um livro sobre a história da indústria brasileira. O livro é uma obra importante para quem quer conhecer a trajetória da indústria nacional.

● **ELZA SHIDLER** - Associação de Fomento Industrial Brasileira - realizou o lançamento de um livro sobre a história da indústria brasileira. O livro é uma obra importante para quem quer conhecer a trajetória da indústria nacional.

● **ELZA SHIDLER** - Associação de Fomento Industrial Brasileira - realizou o lançamento de um livro sobre a história da indústria brasileira. O livro é uma obra importante para quem quer conhecer a trajetória da indústria nacional.

● **ELZA SHIDLER** - Associação de Fomento Industrial Brasileira - realizou o lançamento de um livro sobre a história da indústria brasileira. O livro é uma obra importante para quem quer conhecer a trajetória da indústria nacional.

● **ELZA SHIDLER** - Associação de Fomento Industrial Brasileira - realizou o lançamento de um livro sobre a história da indústria brasileira. O livro é uma obra importante para quem quer conhecer a trajetória da indústria nacional.

● **ELZA SHIDLER** - Associação de Fomento Industrial Brasileira - realizou o lançamento de um livro sobre a história da indústria brasileira. O livro é uma obra importante para quem quer conhecer a trajetória da indústria nacional.

● **ELZA SHIDLER** - Associação de Fomento Industrial Brasileira - realizou o lançamento de um livro sobre a história da indústria brasileira. O livro é uma obra importante para quem quer conhecer a trajetória da indústria nacional.

● **ELZA SHIDLER** - Associação de Fomento Industrial Brasileira - realizou o lançamento de um livro sobre a história da indústria brasileira. O livro é uma obra importante para quem quer conhecer a trajetória da indústria nacional.

● **ELZA SHIDLER** - Associação de Fomento Industrial Brasileira - realizou o lançamento de um livro sobre a história da indústria brasileira. O livro é uma obra importante para quem quer conhecer a trajetória da indústria nacional.

● **ELZA SHIDLER** - Associação de Fomento Industrial Brasileira - realizou o lançamento de um livro sobre a história da indústria brasileira. O livro é uma obra importante para quem quer conhecer a trajetória da indústria nacional.

● **ELZA SHIDLER** - Associação de Fomento Industrial Brasileira - realizou o lançamento de um livro sobre a história da indústria brasileira. O livro é uma obra importante para quem quer conhecer a trajetória da indústria nacional.

● **ELZA SHIDLER** - Associação de Fomento Industrial Brasileira - realizou o lançamento de um livro sobre a história da indústria brasileira. O livro é uma obra importante para quem quer conhecer a trajetória da indústria nacional.

● **ELZA SHIDLER** - Associação de Fomento Industrial Brasileira - realizou o lançamento de um livro sobre a história da indústria brasileira. O livro é uma obra importante para quem quer conhecer a trajetória da indústria nacional.

● **ELZA SHIDLER** - Associação de Fomento Industrial Brasileira - realizou o lançamento de um livro sobre a história da indústria brasileira. O livro é uma obra importante para quem quer conhecer a trajetória da indústria nacional.

● **ELZA SHIDLER** - Associação de Fomento Industrial Brasileira - realizou o lançamento de um livro sobre a história da indústria brasileira. O livro é uma obra importante para quem quer conhecer a trajetória da indústria nacional.

● **ELZA SHIDLER** - Associação de Fomento Industrial Brasileira - realizou o lançamento de um livro sobre a história da indústria brasileira. O livro é uma obra importante para quem quer conhecer a trajetória da indústria nacional.

● **ELZA SHIDLER** - Associação de Fomento Industrial Brasileira - realizou o lançamento de um livro sobre a história da indústria brasileira. O livro é uma obra importante para quem quer conhecer a trajetória da indústria nacional.

FILATELIA

DEPARTAMENTO DOS CORREIOS E TELEGRAFOS

1965

100.00

200.00

300.00

400.00

500.00

600.00

700.00

800.00

900.00

1.000.00

DEPARTAMENTO DOS CORREIOS E TELEGRAFOS

1965

100.00

200.00

300.00

400.00

500.00

600.00

700.00

800.00

900.00

1.000.00

Blocos

O Departamento dos Correios e Telégrafos emitiu dia 30 último dois blocos oficiais, com direito a franquiar cartas, que no seu total, quer com selos isoladamente, blocos que constam de 10 e 15 reproduz os três selos emitidos em 1964 para propagação do IV Centenário do Rio de Janeiro. Representa o termo de Botafogo, a famosa praia de Copacabana e a Igreja de S. M. da Penha. Os selos custam Cr\$ 315, mas o bloco foi vendido por Cr\$ 320. O bloco filatélico oficial emitido pelo DCT em 1965 contém 10 selos comemorativos do IV Centenário da Cidade do Rio de Janeiro reproduzindo a imagem de São Sebastião, a figura de Estácio de Sá e uma vista panorâmica dos Ares de Santa Teresinha. O valor dos selos foi de Cr\$ 195, porém os blocos foram vendidos a Cr\$ 190.

Raridade soberana

MOISÉS GALABOSKY

Esta raridade encontra-se no Palácio Bragança, uma obra de arte de grande valor histórico e artístico. O selo foi emitido em homenagem ao aniversário de São Paulo e é considerado uma das maiores obras de arte produzidas pelo DCT.

VARIAS

GABINETE DE LETURAS

No dia 18 de novembro de 1965, o Gabinete de Leturas do DCT realizou uma reunião para discutir as atividades do departamento. Foram discutidos vários assuntos relacionados com o trabalho do gabinete e as medidas a serem tomadas para melhorar a eficiência do trabalho.

NATAL

"Família" da Fundação Filatélica oficial emitiu no dia 25 de dezembro último um bloco DCT, com selos de responsabilidade da Seção Filatélica do Departamento dos Correios e Telégrafos. O bloco contém três selos comemorativos do Natal e é considerado uma das maiores obras de arte produzidas pelo DCT.

SAUDE

Dores abdominais e epilepsia branda

PROF. WALTER C. ALVAREZ - Da Clínica Mayo

As crianças que, ao serem examinadas, revelam dores abdominais e epilepsia branda, devem ser submetidas a um tratamento adequado. O tratamento deve ser baseado em uma abordagem multidisciplinar, envolvendo médicos, psicólogos e outros profissionais da saúde.

NOTAS SOCIAIS

● **OS TRABALHADORES** - da indústria e do comércio. Os trabalhadores estão preocupados com a situação econômica do Brasil e estão buscando melhorias em suas condições de trabalho.

● **OS TRABALHADORES** - da indústria e do comércio. Os trabalhadores estão preocupados com a situação econômica do Brasil e estão buscando melhorias em suas condições de trabalho.

● **OS TRABALHADORES** - da indústria e do comércio. Os trabalhadores estão preocupados com a situação econômica do Brasil e estão buscando melhorias em suas condições de trabalho.

● **OS TRABALHADORES** - da indústria e do comércio. Os trabalhadores estão preocupados com a situação econômica do Brasil e estão buscando melhorias em suas condições de trabalho.

● **OS TRABALHADORES** - da indústria e do comércio. Os trabalhadores estão preocupados com a situação econômica do Brasil e estão buscando melhorias em suas condições de trabalho.

● **OS TRABALHADORES** - da indústria e do comércio. Os trabalhadores estão preocupados com a situação econômica do Brasil e estão buscando melhorias em suas condições de trabalho.

● **OS TRABALHADORES** - da indústria e do comércio. Os trabalhadores estão preocupados com a situação econômica do Brasil e estão buscando melhorias em suas condições de trabalho.

● **OS TRABALHADORES** - da indústria e do comércio. Os trabalhadores estão preocupados com a situação econômica do Brasil e estão buscando melhorias em suas condições de trabalho.

● **OS TRABALHADORES** - da indústria e do comércio. Os trabalhadores estão preocupados com a situação econômica do Brasil e estão buscando melhorias em suas condições de trabalho.

● **OS TRABALHADORES** - da indústria e do comércio. Os trabalhadores estão preocupados com a situação econômica do Brasil e estão buscando melhorias em suas condições de trabalho.

● **OS TRABALHADORES** - da indústria e do comércio. Os trabalhadores estão preocupados com a situação econômica do Brasil e estão buscando melhorias em suas condições de trabalho.

● **OS TRABALHADORES** - da indústria e do comércio. Os trabalhadores estão preocupados com a situação econômica do Brasil e estão buscando melhorias em suas condições de trabalho.

● **OS TRABALHADORES** - da indústria e do comércio. Os trabalhadores estão preocupados com a situação econômica do Brasil e estão buscando melhorias em suas condições de trabalho.

● **OS TRABALHADORES** - da indústria e do comércio. Os trabalhadores estão preocupados com a situação econômica do Brasil e estão buscando melhorias em suas condições de trabalho.

● **OS TRABALHADORES** - da indústria e do comércio. Os trabalhadores estão preocupados com a situação econômica do Brasil e estão buscando melhorias em suas condições de trabalho.

● **OS TRABALHADORES** - da indústria e do comércio. Os trabalhadores estão preocupados com a situação econômica do Brasil e estão buscando melhorias em suas condições de trabalho.



Especial

O Departamento dos Correios e Telégrafos, num esforço todo especial do seu diretor-geral e da Seção Filatélica, fará circular no próximo dia 20 o selo ordinário de 30 cruzeiros com a effigie de Estácio da Cunha, o autor de "Os Serpentes". Será usado em massa capital um carimbo comemorativo especial, a partir de 20 do corrente. O lançamento oficial do selo ocorrerá no gabinete do secretário do Departamento, deputado Juvenal Rodrigues de Moraes, em hora a ser anunciada.

Exposições

EM SÃO PAULO

1965

1.000.00

2.000.00

3.000.00

4.000.00

5.000.00

6.000.00

7.000.00

8.000.00

9.000.00

10.000.00

Exposições

EM SÃO PAULO

1965

1.000.00

2.000.00

3.000.00

4.000.00

5.000.00

6.000.00

7.000.00

8.000.00

9.000.00

10.000.00

Exposições

EM SÃO PAULO

1965

1.000.00

2.000.00

3.000.00

4.000.00

5.000.00

6.000.00

7.000.00

8.000.00

9.000.00

10.000.00

Exposições

EM SÃO PAULO

1965

1.000.00

2.000.00

3.000.00

4.000.00

5.000.00

6.000.00

7.000.00

8.000.00

9.000.00

10.000.00

Exposições

EM SÃO PAULO

1965

1.000.00

2.000.00

3.000.00

4.000.00

5.000.00

6.000.00

7.000.00

8.000.00

9.000.00

10.000.00

Exposições

EM SÃO PAULO

1965

1.000.00

2.000.00

3.000.00

4.000.00

5.000.00

6.000.00

7.000.00

8.000.00

9.000.00

10.000.00

Exposições

EM SÃO PAULO

1965

1.000.00

2.000.00

3.000.00

4.000.00

5.000.00

6.000.00

7.000.00

8.000.00

9.000.00

10.000.00

Exposições

EM SÃO PAULO

1965

1.000.00

2.000.00

3.000.00

4.000.00

5.000.00

6.000.00

7.000.00

8.000.00

9.000.00

10.000.00

Exposições

EM SÃO PAULO

1965

1.000.00

2.000.00

3.000.00

4.000.00

5.000.00

6.000.00

7.000.00

8.000.00

9.000.00

10.000.00

Exposições

EM SÃO PAULO

1965

1.000.00

2.000.00

3.000.00

4.000.00

5.000.00

6.000.00

7.000.00

8.000.00

9.000.00

10.000.00

Exposições

EM SÃO PAULO

1965

1.000.00

2.000.00

3.000.00

4.000.00

5.000.00

6.000.00

7.000.00

8.000.00

9.000.00

10.000.00

Exposições

EM SÃO PAULO

1965

1.000.00

2.000.00

3.000.00

4.000.00

5.000.00

6.000.00

7.000.00

8.000.00

9.000.00

10.000.00

Exposições

EM SÃO PAULO

1965

1.000.00

2.000.00

3.000.00

4.000.00

5.000.00

6.000.00

7.000.00

8.000.00

9.000.00

10.000.00

Exposições

EM SÃO PAULO

1965

1.000.00

2.000.00

3.000.00

4.000.00

5.000.00

6.000.00

7.000.00

8.000.00

9.000.00

10.000.00

Exposições

EM SÃO PAULO

1965

1.000.00

2.000.00

3.000.00

4.000.00

5.000.00

6.000.00

7.000.00

8.000.00

9.000.00

10.000.00

Exposições

EM SÃO PAULO

1965

1.000.00

2.000.00

3.000.00

4.000.00

5.000.00

6.000.00

7.000.00

8.000.00

9.000.00

10.000.00

Exposições

EM SÃO PAULO

1965

1.000.00

2.000.00

3.000.00

4.000.00

5.000.00

6.000.00

7.000.00

8.000.00

9.000.00

10.000.00

Exposições

EM SÃO PAULO

1965

1.000.00

2.000.00

3.000.00

4.000.00

5.000.00

6.000.00

7.000.00

8.000.00

9.000.00

10.000.00

Exposições

EM SÃO PAULO

1965

1.000.00

2.000.00

3.000.00

4.000.00

5.000.00

6.000.00

7.000.00

8.000.00

9.000.00

10.000.00

Exposições

EM SÃO PAULO

1965

1.000.00

2.000.00

3.000.00

4.000.00

5.000.00

6.000.00

7.000.00

8.000.00

9.000.00

10.000.00

Exposições

EM SÃO PAULO

1965

1.000.00

2.000.00

3.000.00

4.000.00

5.000.00

6.000.00

7.000.00

8.000.00

9.000.00

10.000.00

Exposições

EM SÃO PAULO

1965

1.000.00

2.000.00

3.000.00

4.000.00

5.000.00

6.000.00

7.000.00

8.000.00

9.000.00

10.000.00

Exposições

EM SÃO PAULO

1965

1.000.00

2.000.00

3.000.00

4.000.00

5.000.00

6.000.00

7.000.00

8.000.00

9.000.00

10.000.00

Exposições

EM SÃO PAULO

1965

1.000.00

2.000.00

3.000.00

4.000.00

5.000.00

6.000.00

7.000.00

8.000.00

9.000.00

10.000.00

Exposições

EM SÃO PAULO

1965

1.000.00

2.000.00

3.000.00

4.000.00

5.000.00

6.000.00

7.000.00

8.000.00

9.000.00

10.000.00

EFEMERIDES

Paula Sousa



Paula Sousa, atriz e cantora, realizou um show em São Paulo. O show foi muito bem recebido pelo público e Paula mostrou sua grande habilidade artística.

Paula Sousa, atriz e cantora, realizou um show em São Paulo. O show foi muito bem recebido pelo público e Paula mostrou sua grande habilidade artística.

Paula Sousa, atriz e cantora, realizou um show em São Paulo. O show foi muito bem recebido pelo público e Paula mostrou sua grande habilidade artística.

Paula Sousa, atriz e cantora, realizou um show em São Paulo. O show foi muito bem recebido pelo público e Paula mostrou sua grande habilidade artística.

Paula Sousa, atriz e cantora, realizou um show em São Paulo. O show foi muito bem recebido pelo público e Paula mostrou sua grande habilidade artística.

Paula Sousa, atriz e cantora, realizou um show em São Paulo. O show foi muito bem recebido pelo público e Paula mostrou sua grande habilidade artística.

Paula Sousa, atriz e cantora, realizou um show em São Paulo. O show foi muito bem recebido pelo público e Paula mostrou sua grande habilidade artística.

Paula Sousa, atriz e cantora, realizou um show em São Paulo. O show foi muito bem recebido pelo público e Paula mostrou sua grande habilidade artística.

Paula Sousa, atriz e cantora, realizou um show em São Paulo. O show foi muito bem recebido pelo público e Paula mostrou sua grande habilidade artística.

Paula Sousa, atriz e cantora, realizou um show em São Paulo. O show foi muito bem recebido pelo público e Paula mostrou sua grande habilidade artística.

Paula Sousa, atriz e cantora, realizou um show em São Paulo. O show foi muito bem recebido pelo público e Paula mostrou sua grande habilidade artística.

Paula Sousa, atriz e cantora, realizou um show em São Paulo. O show foi muito bem recebido pelo público e Paula mostrou sua grande habilidade artística.

Paula Sousa, atriz e cantora, realizou um show em São Paulo. O show foi muito bem recebido pelo público e Paula mostrou sua grande habilidade artística.

Paula Sousa, atriz e cantora, realizou um show em São Paulo. O show foi muito bem recebido pelo público e Paula mostrou sua grande habilidade artística.

Paula Sousa, atriz e cantora, realizou um show em São Paulo. O show foi muito bem recebido pelo público e Paula mostrou sua grande habilidade artística.

Paula Sousa, atriz e cantora, realizou um

FERNANDO SABINO

CEARÁ EM LONDRES

Via VARIG
 DE VÉZ EM QUANDO uma respeitável dona-de-casa é apanhada furtando nas mercearias de Londres. Outro dia foi o triste caso de uma senhora que botou na bolsa, por distração, uma lata de conserva. Foi condenada por furto, apesar do verdadeiro certificado de honradez que lhe passaram vizinhos, fornecedores e conhecidos do bairro, intercedendo em seu favor, num subconsciente que encaminham ao Juiz.

Agora é o caso de uma senhora húngara que confessou ter furtado alimentos no valor de 1 libra, 11 xelins e 6 pences. Durante o julgamento, afirmou que veio de Budapeste para casar-se com um inglês há oito anos atrás, e que o marido ganha pouco, mas gosta de comer *goulash*. A carne é cara, a carne é fraca: só furtando. Em sua defesa, o advogado alegou que ela até hoje não houve meio de aprender as receitas mais econômicas da cozinha inglesa.

Desta vez o juiz foi benevolente: condenou-a a doze meses de liberdade condicional, obrigando-a, durante este tempo, a estudar num livro os segredos da culinária britânica. O que não lhe será difícil, pois o único ingrediente consiste em jogar na panela uma batata e cozinhar, sem sal, sem tempero e sem gordura. Ao marido, as batatas.

UM JORNAL de Londres publica, como autêntica curiosidade, a fotografia de um novo produto: uma bela rede nordestina, daquelas de franja, e que pode ser encontrada à venda em Bond Street. Trata-se de uma loja recentemente inaugurada, e de propriedade de um comerciante brasileiro que resolveu estabelecer-se nesta praça com artigos exclusivamente nacionais. O nome da loja é que não peca por excesso de imaginação e não deixa também de exigir um pouco de atenção do inglês para pronunciá-lo corretamente: Loja Brasileira. Ainda não pude passar por lá para uma espiada, mas já soube que se trata de coisa feita com capricho, tendo tudo quanto é produto típico que estrangeiro gosta, das caixinhas com desenhos em madeira aos colares de balangandãs. A localização é excelente e a idéia ainda melhor, pois certamente servirá de ponto de partida para a divulgação de outros produtos da indústria nacional, além do indesejável jacaré empalhado (que aliás, ao que me consta, lá não tem). Estou pensando em móveis, soneijos, objetos, de arte aplicada e decorativa. Embora não passe, lá muitas vezes para inglês ver — a-convencer.

PASSARELA GELDA CRATAIGNIER



Tranças nas alças da costa, de Saint-Roch



ESTAMPADINHO

Em matéria de peças de roupa, a que mais foi vendida na época do fim do ano foi a blusa de malha tipo *colé*, que os franceses chamam *je-jé* (e os paulistas também) e que foi lançada com sucesso por Brigitte Barthelemy e Elyse Varsan. Uma loja especializada chegou a vender quatro mil blusas por dia.

Você sabia que os vestidos autênticos *Courrèges* não ultrapassam o manequim 44? E que o tamanho que tem mais venda é o 40?

Segredo da linha escola de Géraldine Chaplin: um cêlice de *beajoutis* e alguns tablets de chocolate, todas as manhãs...

Regina Leblaton está lançando um *matô* sensacional, com a parte do estômago com um *rendado* tipo *croché*, feito com os próprios fios de *heianca*, uma *grapa*.

A Rastro é a única boutique do Rio que tem no momento acessórios *op*, de grande categoria.

De *acórdio* com *tu* cões que recebemos de *lorgue*, a *maquiagem* olhos retardada a *pai* foi bastante usada nos *lions* da alta sociedade. *aparece* na foto é de *de* de *Pat* Darnac.

Embalagem também moda. E a mais bonita Rio é, sem dúvida, a do *linhina* de artesanato que curtos em *Copanel* saco de *aniagem*, *préco* *barbante* grosso e um *não* verde da casa *aprende* uma *flor* branco frutinha vermelha.

Presentes que *Eliot* Taylor ofereceu a seu *do* Richard Burton, *no* *antecedente* nesse *fin* de uma Ferrari, uma edição *ghial* de Shakespeare, *quadro* de Rembrandt, *par* de *abotoaduras* de *na*, *quatro* *ternos* em *marinho*, *15* *camisas* de *11* pares de *sapato* e 200 *cotes* de *Gaulois*...

O alfaiate Claude Biville lançou o *smoking* *breitschwanz*, aquele *tã*

O MODELO QUE VOCÊ PEDIU

Desenhos de DIANA

Se você tem alguma dúvida a respeito de moda ou quer a sugestão de determinado modelo, escreva para Gilda Chataignier - JORNAL DO BRASIL - Avenida Rio Branco, 110 - 3.º andar - que responderemos com prazer às quartas e o que cada carta deve conter apenas um pedido, para facilitar a nossa correspondência.

MARI GONÇALVES - Laranjeiras: Como você tem boa altura e é magrinha, ficaria bem este vestido estilo *Olivechey* prolonga em *corde* na *sala*. Dê as costuras horizontais sob o busto e outra pouco acima dos quadris. Faça *franja* e *laço* *simplex* em *celim* *fôco*, num azul um pouco mais claro do que o da *renda*. *Escreva* sempre.

SUANI R. SILVA - Campos: Lamentamos não ter respondido em tempo a sua cartinha. Mas aí vai a idéia de um vestido para a sua menina. É em *plum* branco, com *entre-vestido* em *croché* com *ponto* aberto. Este modelo esconde o estômago e a *barbigolina* da *menina*.

MARTA TERESA - Rio: Os sapatos de *napa* só ficam bem nos vestidos *informais*, *unidos* à *moda*. Como você tem um bom *fôco*, faça este *modêlo* em *zanture* *Dior* *bege*, *es-tilo* *Império*, com *dois* *machos* *fundos*. O corpo é *rebordado* de *lantejoulas* em *tons* de *curo* *velho* e *bege* *rosado*, com *man-gas* *curtas* *japonesas*.

CELIA RIBEIRO - Rio: Não recebemos a sua primeira carta, Célia, mas aí vai a segunda, com bastante *atraso*, que lamentamos. Para *reformar* e *enriquecer* o seu *tubinho* *cinza*, recorte uma *gôla* e *costure-a*, assim como o *decote*, de *mi-gangas* e *pedra* em *tons* de *prata* *envelhecida*, que *ficará* *bom*. *Escreva* sempre, *ainda*!



O *leão* *leão* *de* *Costant*

para Todos, na Montanha do Rio Miguel teccentista. (11). Bons

de Matéria os publica-bre Kallhe, por sthol, mais curio-é a obser-e a trais, e apresen-ção renhu-va-se de los negros los já fi-Flórida.

Rose Cou-o Lá a ba-i no pa-Mas, pago chã-endo: não ada-seus lo de. Eu silen-mostores listo-

a de que sua a da sup-esta verdi pês uma pró-ót. West 'cal-sono lica com s no em-jo-em-a. e flo-nda in-lar-fo-imo em por-ão in-ão-ero-ol: sor-er-ão.

LITERATURA
LAGO BURNETT

A POESIA
CENTENÁRIA
DE VARELA

56 a Editora das Américas, de São Paulo, parece ter-se lembrado de uma data importante no calendário das letras brasileiras durante o ano que passou: a do centenário de lançamento dos Cantos e Fantásticas, de Fagundes Varela, em 1885. Para homenagear o grande poeta do Cântico do Calvário ("Beas na vida a pompa predileta..."), a Edmares encontrou na dedicação e no carinho do pesquisador Frederico Pessoa de Barros a pessoa indicada para fazer um levantamento de toda a produção da vida do poeta paulista no livro Poesia e Vida de Fagundes Varela, que acaba de vir à lume.

Restabelecer a verdade em torno de uma figura até hoje muito discutida como a de Varela não é tarefa das mais fáceis. O inventário bomboim, o artista irresponsável, o homem cheio de virtudes exigiram do biógrafo uma peregrinação paciente por todos os lugares em que ele andou, a fim de comparar informações e obter dados novos. Frederico Pessoa de Barros fez isso. E penetrou com muito jeito a análise da personalidade do poeta, situando-o dentro do panorama da sociedade e da família, em que ele tentou viver.

Vale a pena reter (ou ler) esse poeta que até nos faz participar de sua dor diante do filho morto, quando se debruça sobre o copilino imóvel para nos oferecer uma das mais belas e sentidas elegias jamais construídas em nossa língua:

"Eras na vida a pompa predileta
que sobre um mar de angústia conduzia
o ramo da esperança. — Eras a estrela
que entre as névoas da infância cintilava
apontando o caminho ao peregrino.
Eras a messe de um dorado estio.
Eras o hálito de um novo sublimar.
Eras a glória — e inspiração — a pátria,
o porvir de teu pai! — Ah! se estivesse
pomba — varru-te a flecha do destino
astro — enroli-te e temporal do Nordeste
teto — calste! — crenga, já não vives!"

Nesse longo poema, Varela nos dá toda a dimensão do seu potencial lírico, numa explosão de ternura e lágrimas capaz de comover os leitores menos permeáveis às nuances do sentimento humano.

Vale a pena reter (ou ler) esse poeta, decorrido 100 anos de aparecimento de uma das suas obras mais significativas, que lhe asseguraram para sempre um lugar de destaque na poesia brasileira.

CASSIANO — 68 — Cassiano Ricardo, que recebeu no ano passado os Prêmios Jabuti, Instituídos pela Câmara Brasileira do Livro e Fundação Cultural do Distrito Federal, ambos no setor da poesia, já entregou à Editora José Olympio o original de um novo livro de poemas — Os Sobreviventes — a sair em meados deste ano. O grande poeta, cuja permanente renovação intelectual impressiona cada vez mais a crítica e o público, obteve os dois prêmios com as obras Montanhas Russas e Jermenas sem Gloriar, ambas lançadas pela Editora José Olympio. A Comissão Julgadora do prêmio Fundação Cultural do Distrito Federal, concelebrado durante a II Semana Nacional do Escritor, realizada em Brasília, em setembro último, esteve constituída por Augusto Mallet, Afonso Félix de Sousa e Domingos Carvalho de Fílix.

Nascido a 28 de julho de 1895, em São José dos Campos (São Paulo), Cassiano Ricardo completou há pouco 70 anos de idade. Estudante em 1916, com os poemas de Dentre da Noite, completa também meio século de vida literária, ativa, fecunda, dignificadora. Poeta e prosador, com igual título de nobreza em ambas as modalidades, Cassiano Ricardo é nome definitivamente incorporado à história da literatura brasileira. Modernista não gregório, liderou no movimento os grupos Verde-Amarelo e da Anísia, onde assumiu posição de vanguarda, fortemente impregnada de nacionalismo até Martin Cerqueira, de 1928. Aliterando, em 1947, os rumpes de sua poesia, que se interioriza a partir dessa data, e com singular grandiosidade, o autor de Um Dia Depois de Quêrte ergue praticamente uma obra nova e diferente, que se coloca hoje entre as maiores do nosso tempo. Sua bibliografia literária, numerosa e variada, além dos estudos históricos como Mito e Oreste e O Triângulo de Fátima, remonta-se ainda há pouco aos seus poemas de Jermenas sem Gloriar. Cassiano Ricardo pertence à Academia de Letras, desde 1967.

MÚSICA
RENZO MARSARANI

ANO NOVO

*** Muitas felicidades! Que o ano de 1968 possa ser rico de música de boa qualidade, bem executada e executada, com, também, obras dos nossos compositores e dos outros do nosso século. Que as três orquestras possam ter seus quadros completos, atuantes e independentes; que concertos, operas e ballados possam ser organizados desde o início do ano em temporadas orgânicas, sem aventuras nem milagres de última hora. Que a Sala Cecília Meireles inicie uma atividade feliz e fecunda. Que a Escola de Música ensine mesmo e não esqueça os progressos dos últimos 200 anos. Que a Ordem dos Músicos alcance finalmente sua verdadeira razão de ser. Que a música, numa palavra, retome seu lugar, na Cidade mais musical do mundo.

*** Na espera, dia 28 de dezembro, a ampla sala da Penitenciaría hospedar o último recital de 1967, confiado à cantora Lídia Granata de Porto Alegre, Frônio Benjamin Gligli. O programa, muito variado, compreende obras de Mendelssohn, Schubert, Liszt, Toselli, Pestalozzi, Ginastera, Alvarez, Oubradors, Gnaulin, Saint-Saens, Puccini e a própria Granata. Esta era acompanhada ao piano por Ester Monte, e o pianista era diabolicamente eletronicizado fazendo pensar em dilúvio universal.

versal, em guerra atômica, abafando incoriavelmente a voz da cantora. Apesar do instrumento e do programa, foi possível admirar as sérias e bonitas qualidades da voz quente, muito bem timbrada e vibrante de Lídia Granata, e a sensibilidade musical que a guia no fraseado e na aderência com as obras que interpreta. Muitos aplausos.

*** Também dia 28, às 4 da tarde, recebi o convite do Instituto de Cultura Brasil-Índia para a solenidade de inauguração da Praça e monumento Jean Sibelius. Não a cerimônia já realizada na véspera, portanto só posso alegrar-me pelo fato de o máximo compositor finlandês ter sido homenageado dignamente pela Cidade de Maravilha. Homenagem justíssima, merecidíssima, que entretanto faz lembrar que (salvo erro) os cartões postais de Maurice e Heitor Villa-Lobos não tiveram sua praça até hoje, e possivelmente nunca a terão.

*** Sérgio Nepomuceno Alvim Correia me remete uma separata da Revista do Livro, com o Catálogo Geral das Obras de Alberto Nepomuceno, seu último livro. Trata-se de obra grandemente útil, preparada e apresentada com carinho e sabedoria, e completada por discografia e uma bibliografia.

RELIGIAO
MARTINS ALONSO

UM ANO
FRUTUOSO
PARA A
IGREJA

O ano que explorou tão altamente produtivo para a Igreja. Exatamente quatrocentos anos depois de encerrado o Concílio de Trento, que realizou profunda reforma no mundo católico, e cujas normas e decisões ainda vigem, o Vaticano II concluiu as atividades de quatro anos as quais correspondem as quatro sessões conciliares que se reuniram em Roma o episcopado universal. E, dentro em pouco, as conferências de bispos de todo o mundo iniciaram a implantação intensa dos decretos e resoluções promulgados após formulação e o debate de variados e complexos problemas levados ao augusto plenário no interesse da paz e da bem-estar de todos os povos, não somente os que fruem os benefícios da fé católica mas também os de outras religiões, mesmo as não cristãs, pois para todas, esteve ajuçada a caridade da Igreja em busca de soluções, na procura da unidade e da concordância entre as criaturas de Deus.

Não foi pequena a participação da hierarquia eclesial brasileira na magna assembléia da Cidade Eterna, eis que a nossa presença foi das mais numerosas e as intervenções dos nossos prelados nos debates tiveram relevância, assim a cooperação de nossos peritos teólogos em número e qualidade que revelam a competência e a cultura do clero nacional. Nossos pastores diocesanos integraram várias comissões de estudo, opinando em pareceres e relatórios, sabendo-se ainda que alguns figuram entre os escolhidos para a próxima revisão do Código de Direito Canônico, cuja vigência já conta quase meio século, extingido o seu texto modificado e até mesmo inovações impostas pelo tempo ou resultantes das decisões do Concílio.

No que respeita ao engajamento previsto por João XXIII ao convocar o Vaticano II, as primeiras manifestações começaram com a renovação litúrgica, pelo processo de simplificação e melhor compreensão dos atos do culto pelos fiéis. E a medida que em alguns lugares as alterações da liturgia alinda não produziram os efeitos esperados, havendo algumas dificuldades a remover. Mas de modo geral, as inovações foram bem recebidas, dependendo de tempo para a sua integração.

Mas, o Concílio atualizou a Igreja não apenas no diálogo litúrgico. O diálogo foi aberto em todas as direções, quando os bispos estudaram problemas da profundidade da comunicação com os não crentes, quando debateram e concluíram com relação à liberdade religiosa e, finalmente, naquela hora em que abriram os braços para receber fraternalmente os que estavam separados e os que noutro tempo haviam divergido em questões de doutrina que o Concílio esclareceu em sua alta sabedoria.

Mas, o Concílio atualizou a Igreja não apenas no diálogo litúrgico. O diálogo foi aberto em todas as direções, quando os bispos estudaram problemas da profundidade da comunicação com os não crentes, quando debateram e concluíram com relação à liberdade religiosa e, finalmente, naquela hora em que abriram os braços para receber fraternalmente os que estavam separados e os que noutro tempo haviam divergido em questões de doutrina que o Concílio esclareceu em sua alta sabedoria.

Ainda é cedo para se avaliar das dimensões do trabalho realizado pelo Concílio no ano em que se celebra o IV Centenário do Tridentino. Mas, já se podem prever os frutos desse esforço e não tarda que o mundo todo se beneficie da obra realizada, o que vai depender agora da abnegação dos bispos e do colaboração dos leigos inúmeras vezes exaltada no decorrer das atividades conciliares e anunciada nos preceitos da Constituição da Igreja. Foi um ano laborioso para o episcopado universal, mas rico de graças e favores divinos para a Igreja e o mundo moderno.

TEATRO
VAN MICHALSKI

E TELVINA
NÃO
CALOU

Quando, depois de um atraso de 45 minutos no início do espetáculo e de um primeiro ato que parecia não querer acabar nunca, veio enfim o tão ansiosamente esperado intervalo, um conhecido Ros perguntou: "Você acredita no que está vendo?" Este colunista, prudentemente, holocausto várias vezes para se convencer de que não estava sonhando, e acabou respondendo que com toda sinceridade, e apesar de todo o seu esforço, não conseguia acreditar naquilo a que acabava de assistir no decorrer dos últimos 75 minutos.

E não é de se acreditar, mesmo. A gente entra no teatro, senta na poltrona, e no momento em que o pano sobe, a inexorável marcha do tempo à qual, nos acostumamos desde sempre é interrompida por uma inesperada mergulho no passado, que nos transporta bruscamente uns 40 anos para trás. Trás as conquistas e toda a evolução do moderno teatro brasileiro sob preterição e correntemente negadas pelo que acontece em cena. A julgar pelo que vimos, nunca houve, neste País, pessoas dispostas a modernizar a arte dramática, a lhe dar maturidade de expressão ou pelo menos qualidade artística condizente com as exigências de nossa época. Zimbrinski nunca passou pelo Rio, Brito nunca saiu da Itália, o TBC nunca disciplinou a técnica do espetáculo, o Teatro de Arena nunca lançou a semente de um teatro capaz de debater a nossa realidade contemporânea e o Teatro Oficina apresentou Pequenos Burgueses apenas no Uruguai, não tendo sequer visitado o Brasil. Se é verdade que não conseguimos perceber a presença física do ponto, símbolo de um teatro que com o decorrer do tempo se entrançou, o seu espírito sobreviveu o golpe desde o primeiro até o último minuto do espetáculo.

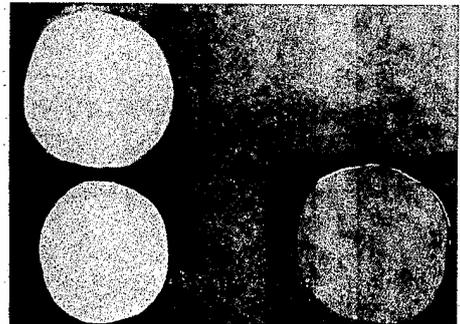
Uma única conquista cultural das últimas décadas foi incorporada em Cala e Beas, Krievan, além de doses cavalares: a da televisão, ou melhor, a dos chamados programas humorístico-musicais com os quais os produtores da nossa TV promoveram o embolamento coletivo da população carioca. A banalíssima música de João Roberto Kelly — um jovem talento que a TV parece ter destruído prematuramente — a coreografia de Dj e a música de Tom Jobim, com o seu ritmo de lenço de elenco, tudo isso parece pertencer muito mais ao horário das 20 ou 20h30m da madrugada do que ao palco de um teatro, que julgamos submetido a leis mais exigentes e a obrigações artísticas menos ranciosas e populareças.

Pouco mais temos a dizer sobre essa mistura de um teatro inteiramente ultrapassado com as manifestações mais subdesenvolvidas da nossa TV. As poucas coisas aproveitáveis e divertidas do excessivamente ingenuo e falso texto de Armando Gougeon não resistem a essa inerteza encenatória. O elenco, no qual cada intérprete propõe um estilo particular de chanchada, parece ter sido trabalhado principalmente no sentido de evitar conflitos em cena, mas às vezes nem ao menos este objetivo é alcançado. Uma única pessoa conseguiu, a rigor, nos convencer de que é uma arte de verdade: Henriqueta Brelha. A convivência de Odilon com o renuncianismo artístico do espetáculo nos enche de melancolia, principalmente quando vemos em que o veterano ator é obrigado a executar uma série de danças, de uma grotesca indigestão. O resto varia entre uma participação apagada e inexpressiva (Brigitte Blair, Maria Teresa Barros, Antônio Campos, Lúcia Magna) e a chanchada óbvia e agressiva, tipo programa humorístico de TV (José Voluzzi, Valdir Maia, Saitiquia Rentini). Roberto Audi se comportou como um cantor bilioso e deve ser aconselhado a abandonar imediatamente as suas atividades de cantor de TV, onde, ao que parece, possui uma vasta legião de fãs, o que não acreditamos possa lhe acontecer um dia no teatro.

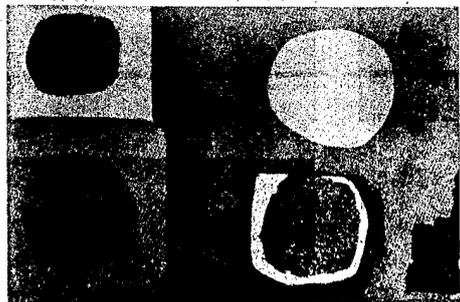
O nome de Arlindo Rodrigues, como cenógrafo e figurinista, aparece riscado a lápis na primeira página do programa. Cumprimentando o artista por esta demonstração de espírito crítico, aconselhamos que deixe a eliminação do seu nome também da página central do programa, onde ele permanece, por enquanto, intacto. Resta a pergunta: quem fez, afinal os fraquíssimos cenários e figurinos?

O responsável pela encenação, Sadi Cabral, tem uma longa lista de serviços prestados ao teatro brasileiro, e a lecionista atualizada interpretação e direção em algumas das nossas escolas de arte dramática. O respeito da obra feita pelo passado artístico do Sr. Sadi Cabral nos impõe a esperança de que ele continue, nos seus últimos dias de existência, o oposto do que acaba de fazer em Cala e Beas, Erevan.

Com essa produção, o ano teatral de 1967 termina de uma maneira profundamente deprimente. Um único consolo: o ano de 1968 há de começar muito melhor. O contrário seria difícil.



Patrick Heron: Discos vermelhos em análise



Patrick Heron: Plumas azuis com laranja, lúcio e preto

ARTES
HARRY YATIS

GRÁ-BRETANHA NO MAM (I)

Todas as obras de arte que representam oficialmente a Grã-Bretanha no VIII Bienal de São Paulo poderão ser vistas no Museu do Arte Moderna do Rio, a partir do dia 6, quinta-feira.

A exposição britânica é composta de 15 pinturas e 16 construções de Victor Pasmore e de 15 pinturas de Patrick Heron. Heron foi distinguido com uma Medalha Honrosa e esteve no Brasil quando da realização da Bienal, pronunciando diversas conferências, inclusive no MAM do Rio. Esta mostra foi organizada sob os auspícios do Conselho Britânico. Informamos hoje nossos leitores sobre Patrick Heron.

PATRICK HERON
Nascido em Leeds, em 1920, Heron cresceu em St. Ives, na Cornualha, onde vive atualmente. Estudou na Slade School of Fine Art, em Londres, de 1937 a 1939 e, depois, a partir de 1945, passou a fazer regularmente crítica de arte de alta qualidade, nas célebres publicações de seu livro As Formas Mutáveis da Arte, em 1955, dedicou-se exclusivamente à pintura. Sua obra mais antiga denota admiração pela organização espacial da obra, que se seu interesse pelas relações entre cor e espaço persistiu na pintura abstrata que o tem aborrecido desde 1964. Sua primeira mostra individual em Londres teve lugar em 1947 na Galeria Adelyn, onde regularmente exibe até 1964. Heron teve uma exposição individual na Galeria Wadlington, em 1960/63/64. Outras individuais realizaram-se em Nova Iorque, na Galeria de Galeria de Arte de Toronto, a Galeria de Arte de Vancouver, o Museu de Arte de Brooklyn, Nova Iorque, o Museu de Arte do Smith College, Massachusetts; o Museu de Arte de Toledo, Ohio; o Museu Albright, Buffalo.

Pintura na Escola Central de Artes e Ofícios de Londres. Recebeu encomenda de E. C. Gregory para pintar um painel para os escritórios da Parcy Lind Humphries & Co. Ltd., em Londres. Em 1961, conquistou o Grande Prêmio na II Exposição John Moore em Liverpool atribuído por um júri internacional.

Em 1941, sua obra foi exposta no Salão de Maio, em Paris, e, desde então, tem sido de várias mostras no exterior: Seis Pintores da Cornualha, que percorreu o Canadá, 1955/6; Prêmio Lissons, Mido, 1957; Exposição Internacional de Tóquio, 1959; a Carnegie International de Pittsburgh, 1961; a 13 Britisha Kunstnerer, que teve lugar em Estocolmo e, a seguir, circuitos pela Suécia, 1961; Arte Britânica de Hojo, USA, 1962/3; a Profile III; English Kunst der Gegenwart, Galeria de Estado, Bochum; Pintura e Escultura da Década 1945-1964, na Galeria Tate, Londres, 1964.

Heron tem participado de várias exposições organizadas pelo Conselho Britânico: Pintores Modernos Britânicos, Vancouver e cidades dos Estados Unidos da América, 1957; II Bienal de São Paulo, 1963; Arte Britânica no Século XX, Portugal, 1962; Exposição de Pintura Britânica Contemporânea, organizada pela Galeria Nacional do Canadá, Toronto e em circulação pelo país; a Galeria Louisiana, Copenhague, 1963/4.

Dentre as coleções públicas, nas quais se acha representada a obra de Heron, contam-se: a Galeria Tate, de Londres; o Museu de Belas-Artes de Montreal; a Galeria de Arte de Toronto; a Galeria de Arte de Vancouver; o Museu de Arte de Brooklyn, Nova Iorque; o Museu de Arte do Smith College, Massachusetts; o Museu de Arte de Toledo, Ohio; o Museu Albright, Buffalo.

